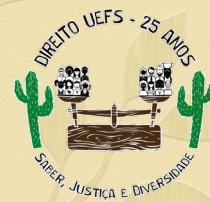




ANAIS DO SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DO CURSO DE DIREITO



Luta por Direitos e Enfrentamento ao Racismo no Brasil

4º NOVEMBRO NEGRO 2022

A MATINHA DOS PRETOS E A ARTE DE RESISTIR: ANÁLISE DAS RELAÇÕES CULTURAIS E DA MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA

*Jéssica Bispo*¹, João Lucas Lins e Lins*², João Pedro Silva Bastos*³, Marcelo Santana da Silva*⁴, Thiara Santana Soares*⁵*

RESUMO

Este trabalho analisa a comunidade quilombola Matinha dos Pretos, localizada em Feira de Santana, e a relação dos integrantes com a identidade quilombola compartilhada e mantida ao longo das gerações. Ao mesmo tempo, buscou-se compreender como a identidade quilombola é percebida, vivenciada e compartilhada entre seus membros, bem como estudar a integração dos moradores da Matinha dos Pretos com a cultura feirense e analisar as relações através da transmissão das tradições e das práticas compartilhadas. Para tanto, foram realizadas entrevistas qualitativas com 7 moradores da comunidade, além da pesquisa bibliográfica. Com base nas informações coletadas, foram analisadas a construção e manutenção da identidade, as práticas culturais entre os membros, a motivação e a justificativa dos indivíduos na realização das práticas culturais. Assim, esta investigação encontrou resultados positivos no tocante à manutenção da identidade e consciência do pertencimento à comunidade da Matinha dos Pretos, além da constatação de que os processos integrativos entre o remanescente de quilombo e Feira de Santana obedecem às expectativas comerciais e de oferta de serviços.

Palavras-chave: Matinha dos Pretos. Identidade quilombola. Integração. Consciência. Identidade*.

1 INTRODUÇÃO

A manutenção da cultura e da identidade em relação à transmissão das tradições locais nas comunidades remanescentes de quilombo é um aspecto relevante dentro da perspectiva atual de uniformização dos grupos e das práticas sociais (MANFREDO, 2017). Nesse sentido, este trabalho busca analisar aspectos que preservam e modificam as relações sociais em suas múltiplas versões, tais como relações culturais e relações identitárias dentro das comunidades tradicionais locais.

Isso posto, faz-se imperioso compreender como a identidade quilombola é percebida, vivenciada e compartilhada entre seus membros. Assim, estudando a integração dos moradores da Matinha dos Pretos com a cultura feirense, bem como aspectos de resistência e manutenção cultural sob o olhar das diferentes gerações e dos distintos gêneros, buscou-se analisar as relações através da transmissão das tradições e das práticas compartilhadas dentro da própria comunidade.

A escolha da Matinha dos Pretos, como lócus da pesquisa, baseou-se na expressiva relevância da comunidade como ponto de referência cultural nas mediações de Feira de Santana, bem como na caracterização das interferências “externas” que tentam uniformizar algumas práticas mediante pressões sutis de padronização de expectativas oriundas de sociedades globalizadas.

*Graduandos em Direito pela UEFS. E-mails: ¹jeubispo1253@gmail.com, ²linzlinz753@gmail.com

³joaopedrosilvabastos39@gmail.com, ⁴marcelomss8@hotmail.com, ⁵santanasoaresthiara@gmail.com

Finalmente, foram utilizadas como metodologia a pesquisa qualitativa e a revisão bibliográfica. A realização das entrevistas qualitativas ocorreu no dia 05 de novembro de 2022 na comunidade da Matinha dos Pretos, nesta ocasião foram entrevistados sete moradores (6 mulheres e 1 homem), entre 16 e 68 anos, com religiões e escolaridades distintas. Todos eles se autodeclararam negros e residem na Matinha desde o nascimento. As entrevistas foram realizadas com o intuito de compreender como as diferentes pessoas sentem e colaboram com a manutenção e modificação da cultura quilombola.

2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A diversidade das comunidades tradicionais é um obstáculo a seu agrupamento em torno de um conceito global. Além disso, diversos autores (FERREIRA; FREYRE, 2008, SILVA, 2018) concordam no sentido de que essa definição única seria desnecessária e mesmo prejudicial por camuflar a heterogeneidade desses grupos. Entretanto, para fins de estudo, é pertinente a utilização de um conceito. Assim, comunidade tradicional pode ser entendida como um:

[...] grupo humano que mantém sistemas de conhecimento tradicional e práticas a nível comunitário, que se organiza total ou parcialmente por meio de seus próprios costumes ou tradições ou por uma legislação especial e que, qualquer que seja sua situação jurídica, conserva suas representações políticas, sociais, econômicas, religiosas, culturais ou parte delas. (CALDAS; GARAVITO, 2004, p. 89, tradução nossa)

A Convenção nº 169, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), de 1989, intitulada “Convenção sobre as Populações Indígenas e Tribais” ressaltou o valor das tradições e costumes para tais populações, bem como das distinções sociais, econômicas e culturais que apresentam em face do restante da sociedade. Com a ratificação desta pelo governo brasileiro, passou-se a reconhecer os elementos de autoidentificação para comunidades tradicionais como critério fundamental, e reforçar, em certa medida, a lógica de atuação dos movimentos sociais orientados, principalmente, por fatores raciais e étnicos e pelo advento de novas identidades coletivas (SHIRAISHI NETO, 2017).

É necessário reverter o quadro de exclusão, estigmas e folclorização da cultura e das identidades das comunidades tradicionais, além da reconfiguração do dever social que o Estado tem perante as mesmas. Isso posto, é necessário entender o cerne do conceito de quilombo no Brasil, que

[...] é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstituído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontravam todos os oprimidos. Escravizados, revoltados, organizaram-se para fugir das senzalas e das plantações e ocuparam partes de territórios brasileiros não-povoados, geralmente de acesso difícil. Imitando o modelo africano, eles transformaram esses territórios em espécie de campos de iniciação à resistência (MUNANGA, 1996, p. 57).

Dessa forma, como herdeiros de uma estrutura de resistência de exploração braçal, cultural e ideológica, os remanescentes de quilombo podem ser entendidos como comunidades que nasceram da contracultura e que resistem aos aspectos de uniformização, através de características singulares de identidade, produção artística e cultural, bem como da própria relação com o solo e a natureza.

Por conseguinte, tem-se que o local escolhido foi a Matinha dos Pretos, comunidade remanescente de quilombos localizada na zona rural de Feira de Santana, a leste da BR 116 Norte. A Matinha foi a segunda comunidade de Feira de Santana a ter esse reconhecimento, fato ocorrido no dia 27 de julho de 2014, depois de muitas lutas e resistências dos seus moradores.

A escolha do *lôcus* de pesquisa é resultante de um entendimento dialético, uma vez que, a sociedade feirense e a sociedade quilombola da Matinha dos Pretos mantém íntimas relações de trocas, mão de obra e fluxo de pessoas, além da manutenção de aspectos singulares de cada uma. Não seria equivocado supor, então, que a sociedade feirense congrega a Matinha em si – e vice-versa –, trazendo mais heterogeneidade às suas composições.

Nesse sentido, em sua monografia, Letícia Cerqueira S. dos Santos (2019) traz uma breve demonstração das estratégias de integração obtidas pelos membros da Matinha dos Pretos, oriundas de suas demandas por uma melhor qualidade de vida dentro da comunidade.

Dentro desta lógica, a comunidade conquistou ao longo do tempo, em meio a um processo de lutas, uma rede de transporte que liga a comunidade ao centro de Feira de Santana, energia elétrica, abastecimento de água, estrada principal asfaltada, posto de saúde, escolas de ensino fundamental, assim como um comércio local que consegue minimamente dar conta das necessidades dos moradores da localidade. (SANTOS, 2019, p. 6)

Entretanto, essas conquistas são apresentadas com deficiências funcionais, a partir da insuficiência dos serviços, sobretudo na educação, transporte e saúde, por exemplo, que não são viabilizados em sua capacidade mínima, ficando, na prática, abaixo do esperado. Assim, torna-se nítida a insuficiência e a precariedade dos serviços oferecidos quando, na fala da Srta. Caroá⁶, é dito que

a saúde não é muito boa, não, porque é muito difícil *pra* gente conseguir uma consulta. Se a gente quiser, marcar esse mês, a gente só consegue para 2 ou 3 meses para a gente conseguir ser realizado, né, essa consulta, então demora bastante. (CAROÁ, entrevista cedida aos autores)

De maneira análoga, tem-se que o transporte público, também, se mostra problemático e ineficiente, de tal sorte que é possível questionar a integração efetiva entre Feira de Santana e a Comunidade da Matinha dos Pretos. Nesse ínterim, contrapõem-se às conquistas (SANTOS, 2019) a indisponibilidade dos serviços e sua precariedade real, a qual é apresentada, também, através da Sra. Carnaúba

transporte público, a gente sofre muito com isso, principalmente feriados e aos domingos, porque no feriado só tem transporte de 2h em 2h. [...] A gente tem o auxílio das vans, só que as vans rodam de segunda a sábado, e sábado a partir das 15h já não tem mais essas vans, ai agora a gente só vai ter segunda-feira. (CARNAÚBA, entrevista cedida aos autores)

Isso posto, torna-se perceptível que o contexto de integração deficiente da comunidade dificulta o exercício de direitos fundamentais, como o acesso à saúde de uma forma tácita, uma vez que dentro da comunidade os serviços ofertados exigem uma espera longa, não atendendo às especialidades, já que existe apenas Unidade Básica de Saúde. Desse modo, o serviço local é insuficiente e configura uma realidade

ainda mais problemática quando posta em conjunto com o transporte precário. Ou seja, o acesso à saúde dentro da comunidade é ruim e a locomoção até o centro de Feira de Santana em busca desses serviços também é dificultada.

Ademais, em continuidade à lógica do desmonte do funcionalismo público (APP, 2020), tem-se que dentro da comunidade não existem escolas para o Ensino Médio, realidade que obriga os estudantes a enfrentarem o deslocamento diariamente. Em paralelo a essa dificuldade, e como característica de resistência das comunidades tradicionais, é observado a existência de uma movimentação de insurgência comunitária que reivindica a construção de novas escolas, como exposto pela Sra. Carnaúba:

Em relação a educação, a gente tem uma educação básica aí que é até o 9º ano e, inclusive, a gente *tava* correndo atrás. Há pouco tempo aí, a gente *tava* correndo atrás para ver se a gente conseguia uma escola quilombola, a gente ainda tem esse projeto junto com o pessoal da associação, do pessoal da igreja, para ver se a gente consegue solicitar uma escola estadual aqui para a comunidade para não ter necessidade dos alunos *ir* pro centro da cidade pra ter acesso ao ensino. (CARNAÚBA, entrevista cedida aos autores)

Dito isso, é imprescindível observar que mesmo diante das conquistas e das concessões, existe uma realidade de insatisfação com os serviços que são ofertados diante de uma demanda que supera em muito a oferta do Estado. Isso posto, pode se constatar que, embora a comunidade possua relações corriqueiras com Feira de Santana, sua integração ainda é questionável quando se percebem as dificuldades impostas ao exercício de direitos básicos.

Apesar disso, existe um apego territorial por parte dos moradores da Matinha, que ao serem indagados sobre o local onde morariam caso ganhassem muito dinheiro, afirmaram, em quase unanimidade, que continuariam a sua vida na Matinha dos Pretos. Isso mostra que, além do reconhecimento e do sentimento de ser quilombola, há, ainda, uma enorme cumplicidade e apego à terra de origem – o pertencimento e, conseqüentemente a manutenção da identidade.

É interessante observar tal fenômeno e reconhecer na comunidade o orgulho de sua história, que mesmo imaginando a possibilidade de poder sair, escolhe ficar. Desse modo, em entrevista, a Sra. Carnaúba diz que

Em relação à criação que a gente teve, a um certo período, uns certos anos atrás, e isso a gente teve aí o título de ser quilombola, devido o sofrimento que a gente teve há muito tempo atrás, em relação a escravidão, entre outras coisas, aí a gente tem esse título. A gente não pode dizer que ganhou porque de uma certa forma é um merecimento da gente, né? (CARNAÚBA, entrevista cedida aos autores)

Através disso, pode-se perceber que os moradores não apenas sentem que pertencem àquela terra, mas também têm a consciência de que a terra pertence a eles. E, pertence por direito, direito tal que foi conquistado com a luta e a perseverança dos moradores.

Por outro lado, quando questionados sobre a cultura, os entrevistados abordaram os mesmos elementos, mas com divergências pontuais. A entrevistada Srta. Caroá ostenta em sua estética (cabelo, roupas, discurso) aspectos da cultura local; tendo 16 anos é engajada nas atividades tradicionais, apesar de confessar não se interessar muito pelo trabalho manual da casa de farinha – atividade tradicional do lugar até um passado recente.

⁹Com a finalidade de preservar a identidade dos interlocutores, serão utilizados nomes fictícios com base na flora do Nordeste.

Em outra perspectiva, a Sra. Cacto julga que ser quilombola é justamente se ocupar de atividades indispensáveis, dentre elas o trabalho na roça, que envolve a produção de farinha de mandioca, distinguindo a Matinha em duas fases: “quando era roça” e “agora que é cidade”. De maneira reiterada, a interlocutora também percebe que os mais velhos conseguiram transmitir isso para sua geração, mas os mais novos deixam de lado. Hoje, com 68 anos, a Sra. Cacto afirma que mesmo os jovens que se interessem pelo Samba de Corda, eles “não sabem dançar” (entrevista cedida aos autores).

Diante do exposto, tem-se que a percepção dos mais velhos é sobre um desinteresse dos mais novos com o trabalho, as rezas e, principalmente, o respeito com os anciãos. Sendo este último ponto de relevância curiosa, já que os mais jovens reconhecem o afastamento, mas não identificam suas práticas cotidianas como desrespeitosas.

Numa situação intermediária, Flor de Jitirana, 31 anos, reconhece o esforço necessário para manter de pé os valores e traços culturais da Matinha. Ela menciona o Grupo Cultural da Quixabeira como um importante guardião e promotor da cultura local, diz que as histórias contadas por seus ancestrais significam e trazem sentido aos locais: “tudo tem uma história, tudo tem um contexto, tudo tem sentido *pra gente*” (entrevista cedida aos autores). Essa fala ratifica a assimilação de traços característicos da cultura local à proporção que reafirma e ressignifica as práticas e valores para o grupo.

Nesse sentido, o reisado é apresentado nas entrevistas como um aspecto cultural que foi resgatado, apesar de, por vezes, ser desconhecido pelas novas gerações. A entrevistada Flor de Jitirana diz que a evangelização de alguns membros acabou por afastá-los da prática do reisado e de algumas outras rezas. Curiosamente, outros entrevistados afirmaram não conhecer todas as rezas, mas demonstram interesse em aprendê-las.

Entretanto, a comunidade não está isolada das influências externas e, com o surgimento e expansionismo do fenômeno da internet, as formas de comunicação dentro de uma sociedade se alteraram significativamente. Nesse diapasão, é possível observar na Matinha dos Pretos, o fenômeno global do uso diário do celular e das redes sociais entre as diferentes gerações. Contudo, apesar de ser um consenso que surge uma nova forma de lazer entre os moradores da comunidade, fica evidente que o uso excessivo, e talvez a mudança do interesse em participar de eventos comunitários em detrimento do uso pessoal das tecnologias, prejudica a interação social entre os moradores, principalmente, entre os jovens:

[...] os jovens têm os lugares pra sair, mas eles não preferem sair e ir ali na comunidade, pra ir na associação da Quixabeira pra a gente participar um pouco da cultura, né? Porque é cultura, né? O samba é a cultura da Matinha. O samba, quando tem palestras, quando tem ações sociais *pra* falar sobre o assunto que é a cultura, todos os tipos de cultura que tem aqui... E ver que é *muito* poucos jovens que vão, não querem saber muito, saber sobre isso e preferem ficar em casa no celular. (CAROÁ, entrevista cedida aos autores)

Isso posto, infere-se que, com o advento da internet e com o uso rotineiro das redes sociais e das plataformas de *streaming*, uma nova forma de lazer entre os habitantes faz com que muitos deles não se desloquem para os centros culturais como era possível ver tempos atrás.

Diante do Artigo 72 da Lei Estadual nº 13.182/2014 (BAHIA, 2014) é interessante perceber como as relações inter-subjetivas se consagram na prática e, muitas vezes, existe uma distância entre a teoria legal e a prática jurídica existente. O primeiro ponto a ser destacado é a noção de autotutela do particular. Isto é, quando esta se manifesta como uma forma de resolução do conflito em que o próprio indivíduo usa da força física, moral ou econômica na defesa de seus direitos e interesses sem a ajuda de terceiros ou do Estado. Essa forma de atuação foi percebida na fala de Caroá quando ela retrata a discriminação sofrida no âmbito escolar e como a questão se resolveu.

Por causa do torso, do oyá, [...] foi assim, foi um pouco triste, né? Eu *tava* com meu oyá, né? Aí, teve uma pessoa que foi e falou assim: “pra que que tu tá com isso no cabelo?” Aí, eu falei: “porque eu me sinto bem, porque é bonita!” Aí, a pessoa foi e falou assim: “mas, isso é coisa do diabo.” Eu falei: “mas, não é.” [...] Ela: “vou parar de ser sua amiga.” Eu falei: “pode parar porque é minha religião, meu gosto e eu não vou parar de ser por conta de amizade, entendeu? Porque isso é minha fé e o que eu gosto, o que eu me sinto bem, amizade eu consigo de várias maneiras, eu consigo várias por aí, mas minha fé eu não vou.” Foi um pouco forte, né? [...] Foi aqui na Matinha mesmo. [...] Na escola. (CAROÁ, entrevista cedida aos autores).

Diante do exposto, a salvaguarda do direito de liberdade religiosa, bem como do livre exercício da sua religião e de características peculiares da cultura foi exercida através da autotutela, a qual, através da fala de Caroá pode ser vista como uma das nuances do desconhecimento das garantias jurídicas que visam coibir tais comportamentos discriminatórios. Neste trecho ainda fica evidente a tensão entre a manutenção da cultura local, com raiz africana, em convivência, nem sempre pacífica, com as religiões evangélicas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa indicou que existe um esforço coletivo para a preservação da identidade e da cultura quilombola na Matinha dos Pretos, além de um forte senso de pertencimento. Por outro lado, problemas foram apontados, visto que, embora integrada à cidade de Feira de Santana, a comunidade sofre com questões básicas, como transporte, atendimento médico e escassez de escolas.

De maneira subsequente, a produção da farinha, o reisado e o samba constituem a cultura local, porém as práticas vêm sendo deixadas de lado no cotidiano. No entanto, salienta-se que o Samba da Quixabeira é uma manifestação cultural forte na comunidade, ainda que os mais jovens não se envolvam plenamente com as atividades. Destacam-se ainda outros aspectos culturais como a reza, a qual permanece como uma característica da fé para os mais velhos e de memória histórica para os mais jovens.

Por fim, a pesquisa indicou a manutenção da identidade quilombola, assim como a consciência do pertencimento à comunidade da Matinha dos Pretos. De forma semelhante, conclui-se que os processos integrativos entre a Matinha dos Pretos e a cidade de Feira de Santana obedecem às expectativas comerciais e de oferta de serviços que não são plenamente ofertados pelo Poder Público, tais como saúde, educação e transporte.

REFERÊNCIAS

APP, Sindicato. **O que está por trás da lógica de “sucatear para privatizar”?** Governos sem compromisso com a população priorizam os lucros da iniciativa privada. 9 de julho de 2020. Disponível em: <https://appsindicato.org.br/o-que-esta-por-tras-da-logica-de-sucatear-para-privatizar/>. Acesso em: 08 de novembro de 2022

BAHIA. **Lei Estadual nº 13.182/2014**. Estatuto da Igualdade Racial e de Combate à Intolerância Religiosa do Estado da Bahia de 06 de junho de 2014.

CALDAS, Andressa; GARAVITO, César A. Rodríguez. **La regulación jurídica del conocimiento tradicional: la conquista de los saberes**. ILSA, 2004. Disponível em: <https://docplayer.es/75716036-La-regulacion-juridica-del-conocimiento-tradicional-la-conquista-de-los-saberes-andressa-caldas.html>. Acesso em: 07 de novembro de 2022.

FERREIRA, José Luiz; FREYRE, Gilberto. **Entre a tradição, o moderno e o regional**. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/16292>. Acesso em: 06 de novembro de 2022.

MANFREDO, Maria Teresa. **Entre a uniformização e a diferença**: breve debate sobre cultura, espaço, consumo e identidade. 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8154462>. Acesso em: 06 de novembro de 2022.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do Quilombo na África. **Revista USP**, n. 28, São Paulo, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28364/30222> Acesso: 02 de novembro de 2022.

SANTOS, Leticia Cerqueira Silva dos. **Ensino de História e Memória**: a identidade quilombola na Matinha dos Pretos. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2019.

SHIRAIISHI NETO, Joaquim. **Direitos dos povos e das comunidades tradicionais no Brasil**. 2017.

SILVA, Marina Augusta Alves de Oliveira. **Os conhecimentos tradicionais à luz do direito internacional**. 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.